



UM PROJETO DE VIDA NÃO EMPREENDEDOR

Autor (a): Pedro Antonio Araújo do Divino Loiola

RA:20100845

Orientador(a):Prof. Me.Renato Ponzetto Aymbere

RESUMO

Foca-se neste trabalho a intenção de pesquisar como a escola sempre esteve ligada às estruturas socioeconômicas e como a atual precarização do trabalho e da figura emergente do empreendedor se refletem no novo ensino médio brasileiro. Neste sentido, abordaremos como a organização pedagógica e física da escola esta voltada para atender os interesses de uma maquina social fabril, de modo que o comportamento esperado dos operários nas fabricas é repassado na sala de aula. Assim, a escola no século XX tem a sala de aula organizada em fileiras, se aproximando da dinâmica de esteira em fabricas. Porém, a partir do final do século XX, com as transformações tecnológicas das fábricas e a ascensão do neoliberalismo a escola passa a ser pressionada para atender novas demandas, como o Just-in-time e o do it yourself. Nesse contexto, no Brasil surge a discussão e posterior aprovação do novo ensino médio

(2017), que propõe que o aluno seja capaz de decidir de forma autônoma o que lhe interessa aprender e como alcançar seus objetivos para que a partir de agora o protagonismo de sua educação e vida seja sua. Essa pesquisa também busca refletir sobre os limites e contradições do projeto de vida assim como pensar um projeto de vida que não seja empreendedor.

Palavras-chave: Empreendedor; Projeto de vida; Novo Ensino Médio

Introdução:

Uma perspectiva sobre o projeto de vida que apresentamos neste trabalho é a da possibilidade de que o atual modo de vida neoliberal nas sociedades encontrou para além da gerência econômica um controle sobre como viver a vida. Veremos neste artigo como a perspectiva neoliberal se mistura com outros processos como a não separação do momento de trabalho e o momento de não trabalho.

O projeto de vida seja ele na sua definição mais básica como uma ideia, um pensamento avulso sobre como desejar-se-ia viver sua vida até sua definição mais rigorosa que tangencia as demandas e pressões sociais em cima de cada sujeito é compelido sobre a base dos processos e modos de produção.

Também refletimos sobre como a sociedade atual chegou até o neoliberalismo como modo de produção capitalista e quais foram as organizações que antecederam a atual, como se organizam e como controlavam as forças de trabalho, buscando elucidar como cada modo de produção constrói um determinado sujeito.

Em suma, analisamos como o neoliberalismo organiza-se além do mercado, na sociedade, na vida comum e em instituições como a escola e buscamos demonstrar de forma sucinta que o projeto de vida dentro do novo ensino médio atende aos interesses neoliberais.

Neoliberalismo e suas dinâmicas:

Percebe-se que a economia não é o centro das ações das ideias neoliberais, ela é a forma distributiva tanto dos recursos como também das vontades. O determinante é utilizar de forma mais eficiente possível os desejos e vontades individuais para a manutenção do mercado, mesmo que haja sofrimento, falta de noção coletiva,

adoecimento físico e mental. O que impera é a satisfação individual e “Hoje sabemos que uma economia de mercado é o produto de um conjunto muito específico de condições institucionais que, inclusive, são criadas e mantidas voluntariamente pelos homens e, portanto, só podem vigorar com base em um Estado forte e independente que garanta a institucionalidade do mercado” (Mariutti, 2021).

A vida no neoliberalismo então está racionalizada, determinada, condicionada para que a partir do momento em que você comece a projetar sua vida, seus desejos, carreira, relacionamentos e tudo o que seria não trabalho passa a ser força-criativa para trabalho.

Portanto, é possível dizer que a vida dentro das ideias neoliberais é percebida e ao mesmo tempo não refletida por nós, porque já está naturalizada. A vida dentro da lógica neoliberal foi gestada para reutilizar e ressignificar tudo aquilo que antes eram vivências e experiências humanas fora do trabalho, como a linguagem, gosto e prazeres e tudo mais que nos era um outro tipo de projeto, um outro tipo de rede e conexão conosco e com a vida.

Deste modo há uma construção de tipo diferente de moral na sociedade: o trabalho começa a deixar de ser meio para ser fim. Se antes ele era meio para buscar a realização dos seus desejos, meio para a formação de nossa identidade, agora com as ideias neoliberais o mercado se tornou o fim em si. Os desejos e as identidades se tornam empreendimentos dentro do jogo neoliberal. Por consequência, quando algo dá errado e lhe aflige, quando o sofrimento vem, quando as coisas não estão dando certo, a responsabilização recai sobre as escolhas e decisões tomadas pelo indivíduo, de forma que não foram tão boas e sempre há alguém melhor, afinal todos estão atrás de liberar suas capacidades. De acordo com Safatle, Junior e Dunker (2021) o neoliberalismo

recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios, e não apenas o que eles representam de si próprios. Se admitamos que uma forma de vida tende a manter sua unidade extraindo produtividade de suas contradições, determinadas e indeterminadas, de acordo com estratégias provenientes do trabalho e do mercado, do desejo, da linguagem, poderemos localizar os efeitos estruturais da dimensão performativa da gestão neoliberal do sofrimento. (Safatle, Junior, Dunker. 2021. p. 11)

Entretanto, assim como o mercado não é um lugar, mas sim um discurso sobre padrões, o trabalho no neoliberalismo também o é. Vejamos, na concepção neoliberal,

todos e todas são empreendedores, o que “já não coincide com aquele que acumula tudo, capital, propriedades, família- ao contrário, é aquele que pode deslocar-se mais, de cidade, de país, de universo, de meio, de língua, de área, de setor” (Pelbart, 2003.)

Transformam-se então em trabalho tudo aquilo que antes não o era. Apesar das ideias neoliberais se valerem de que para se viver bem é necessário liberar as capacidades individualizantes de cada um, não é vantajoso que elas sejam herméticas e fixadas em si; os projetos devem transbordar em redes que operam dentro do mercado. O trabalho flexiona-se então para uma produção imaterial onde empreende-se o comum em força-criativa e geradora de lucro. Portanto, sabendo que dentro do capitalismo a busca é essencialmente pelo lucro, estamos diante de um sistema que opera não apenas a partir da propriedade dos meios de produção mas sim das redes mercadológicas de satisfação e produção de projetos de vida. De acordo com Pelbart (2003)

Nem poderia ser diferente: afinal, o que seria uma linguagem privada? O que viria a ser uma conexão solipsista? Que sentido teria um saber exclusivamente auto-referido? Pôr em comum o que é comum, colocar para circular o que já é patrimônio de todos, fazer proliferar o que está em todos e por toda parte, seja isto a linguagem, a vida, a inventividade. (2003. p. 29)

As formas de se viver agora tem projeção mercadológica, possuem demandas e expectativas que não são apenas de cunho morais, éticos, religiosos, educacionais; a vida comum tem expectativas de renda. A forma como você vive sua vida determina na lógica neoliberal o quanto você pode vir a lucrar e bem-viver. Posto isto, as ideias neoliberais precisavam de um lugar que fosse centralizador de todas as potências que fossem formadas através desta dinâmica. Porém, este espaço não poderia compor das características que a sociedade já conhecia porque poderia remeter a um controle e não a promessa de que com o neoliberalismo todos poderiam ser livres para empreender como quiserem.

Nas ideias neoliberais o trabalhador e a trabalhadora estão inseridos em um constante não fim. Não há necessariamente uma finalidade no trabalho na vida neoliberal a não ser estar constantemente produzindo, portanto, a relação de trabalho entre as demais pessoas é sem a intenção de permanência e convivência.

No neoliberalismo, deve-se sempre estar oferecendo ideias e desejos novos para o capital. Dessa forma, como trabalhador irá construir conexões e mais conexões que lhe

permitiram participar de mais projetos e assim se tornando a pessoa ideal dentro do capitalismo neoliberal. De acordo com Pelbart (2003)

O ideal hoje é ser o máximo enxuto possível, o mais leve possível, ter o máximo de mobilidade, o máximo de conexões uteis, o máximo de informações, o máximo de navegabilidade, a fim de poder antenar para os projetos pertinentes, com duração finita, para o qual se mobilizam as pessoas certas, e ao cabo do qual estão todos novamente disponíveis para outros convites, outras propostas, outras conexões. (p. 97)

A lógica do trabalho na concepção neoliberal é que nada deve lembrar urgência, seu trabalho é sua vida por isso não há prazos, não há alguém para mandar você entregar em tal horário e dia. Mas como fica então a organização social? Se fosse para ser assim, cada pessoa realmente autônoma dos seus prazos e tempos nada ou praticamente nada funcionaria dentro da sociedade capitalista.

O trabalho e suas estruturas:

Primeiramente é importante postar que o capitalismo que iremos abordar tem duas fases: o acumulativo e o outro financista, a primeira fase tem como centralidade a organização do trabalho através do controle da classe trabalhadora para uma maximização de produção e acumulação (lucro) Nesta fase do capitalismo, a força de trabalho ainda não está totalmente centralizada dentro das regras fabris. O comum são espaços de oficinas onde trabalhadores se reúnem para organizar o produto desde sua concepção até ele finalizado em si; o aumento da produção em fabricas será um fator determinante para uma reestruturação dos modos de produção “Taylor e com ele o taylorismo surge na cadeia de desenvolvimentos desses métodos e organização do trabalho” (Ribeiro, 2015. p.66).

O capitalismo de acumulação tem uma lógica que pressupõe mais lucro para quem acumular mais. Sendo assim, quem conseguir produzir mais em menos tempo tem a maior quantidade de lucro. Isto muda a relação tempo e espaço. Por isso, Taylor irá propor uma nova organização do trabalho em que “a formação de uma gerência capaz de pré-planejar e pré-calculas todos os elementos do processo de trabalho estava, então, intimamente ligada a uma proposta de intenso controle do trabalho” (Ribeiro, 2015. p. 66). Para esta fase do capitalismo, o trabalhador possuir conhecimento total da produção não era útil, tendo em vista que assim o controle que Taylor tanto almejava ficava debilitado Sendo assim “Taylor se dá conta de que o conhecimento do trabalhador possui sobre o processo

de trabalho é muito maior que o da gerência, o que cria a possibilidade de resistência para o trabalhador ou, também, a possibilidade de fazer cera” (Ribeiro, 2015. p. 67).

O valor do trabalho começa a mudar com esta nova perspectiva. Se antes um trabalho era realizado do começo ao fim por um grupo que possuía o conhecimento total do que estava sendo feito, Taylor lança a ideia de fragmentar o trabalho entre aqueles que sabem sobre o produto e aqueles que apenas montam o produto. Assim, não haveria a necessidade de se preocupar com atrasos ou diminuição do ritmo já que as partes estariam extremamente delimitadas. De acordo com Ribeiro (2015)

Tornar a execução e a concepção esferas separadas do trabalho e, para isso, reservar à gerência e obstar aos trabalhadores o estudo dos processos de trabalhos, tornando-os meros operadores de tarefas simplificadas, sem a compreensão dos raciocínios técnicos, é uma forma não só de assegurar o controle do processo de trabalho pela gerência como, também, de baratear a força de trabalho. (Ribeiro, 2015. p. 67)

Agora com esta dinâmica o trabalhador não sabe o suficiente sobre o produto, porém apenas controlar a percepção sobre o produto encima do trabalhador não bastava, o lucro não viria apenas deste controle, o controle mais essencial é o do tempo. Apenas conseguindo controlar e organizar o tempo da classe trabalhadora é que a maximização do lucro realmente apareceria: “em uma palavra, o máximo de prosperidade somente pode existir como o máximo de produção” (Ribeiro, 2015. p. 68. APUD: Taylor, 1987).

Ford não buscou romper com o taylorismo, pelo contrário, adaptou e conseguiu organizar o ritmo do trabalho da classe trabalhadora tal como Taylor almejava; o mesmo separou em dois a produção: quem sabia sobre o projeto e quem apenas executava. Ford não almejava apenas separar no momento da produção, mas controlar o processo do trabalho, ou seja, além de delimitar quem faria o que agora também há o como fazer.

Para Ford não bastava apenas condicionar o trabalhador no momento de trabalho era necessário conquistar a classe trabalhadora e ainda sim possuir o controle sobre os processos de produção, ou seja, convencer a classe trabalhadora que a forma como ele organizaria a vida deles era a melhor para todos.

Com o fordismo temos não apenas um novo modo de produção e um novo gerenciamento dos aspectos da fábrica. Mais importante que essas duas questões temos um novo tipo de trabalhador. Deste novo trabalhador saíra também um novo tipo de indivíduo que já possui dificuldade de separar sua vida trabalho da sua vida comum, De acordo com Ribeiro (2015):

Produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática [...]. O Fordismo equivaleu ao maior esforço coletivo para criar, com velocidade sem precedentes, e com uma consciência de propósito sem igual na história, um novo tipo de trabalhador e um novo tipo de homem. Os novos métodos de trabalho são inseparáveis de um modo específico de viver e de pensar a vida. (Ribeiro, 2015. p.69, APUD: Harvey, 1992: 121)

Apesar disto, a classe trabalhadora também havia contestações a respeito da dinâmica fabril dentro das empresas Ford. a principal questão era o ritmo de trabalho: “Não é a toa que o ritmo de rotatividade entre trabalhadores da indústria Ford era altíssimo.” (Ribeiro, 2015. p. 69). Um ritmo de produção tão intenso, mesmo possuindo a adesão dos trabalhadores não estava conseguindo segurar as demandas da classe trabalhadora, portanto Ford anunciou que aumentaria os salários dos trabalhadores. Temos então uma característica de tipo novo no capitalismo que irá se manter, aumentando a faixa salarial e apontando que os trabalhadores e trabalhadoras estão sendo devidamente recompensados. Porém, de acordo com Ribeiro (2015)

Gramsci faz uma pergunta relevante sobre os altos salários, ele diz: “O salário pago pela Ford só é alto em relação a média dos salários americanos, ou é alto como preço da força de trabalho que o empregado da Ford consome na produção utilizando os métodos da empresa (Ribeiro, 2015. p.70. APUD: 1976: 405).

São estes os modos de produção de capitalismo acumulativo que irão sustentar toda a produção e organização do trabalho e do capital durante praticamente todo o século XX. Modos esses que combinam a supressão da criatividade humana substituindo-a pela mecanização das ações humanas, uma delimitação de operação e compreensão do processo como um todo.

Enquanto o taylorismo-fordismo estavam sobre a demanda de um capital acumulativo onde os donos de produção entendiam lucro como produção em menos tempo e para alcançar isto se fazia necessário gerenciar e controlar as necessidades trabalhistas de cada sujeito, no Toyotismo isto não será necessário, já que as demandas e exigências em cima da classe trabalhadora também serão de outro tipo, contando com o “envolvimento dos trabalhadores para a melhoria da produção; trabalho em equipe - a organização do

trabalho está baseada em grupos de trabalhadores polivalentes que desempenham múltiplas funções” (Ribeiro, 2015. p.74).

Também não se faz necessário organizar uma adesão da classe trabalhadora pela necessidade de produção isto porque “A cultura japonesa não erigiu uma distinção clara e nítida, como no mundo ocidental racional-burocrático, entre o mundo familiar e o mundo do trabalho. (Ibid. p.74).

A par de todas essas configurações de produção que não se separavam das configurações socioculturais do povo japonês, empresas de matrizes ocidentais começam a praticar as ideias do Toyotismo em suas produções levando o mundo da produção global a erigir novos parâmetros onde a separação do mundo comum e mundo do trabalho deixa de existir globalmente. De acordo com Ribeiro (2015):

Diante da crise do fordismo, as empresas capitalistas vão buscar, na incorporação de algumas características do modelo japonês, saídas para a queda do nível de produtividade e acumulação, essas saídas terão como consequência um profundo processo de flexibilização do mundo do trabalho. (p.75)

Percebemos que o movimento que estava ocorrendo era de supostamente substituir as antigas configurações de modo de produção onde o controle da força de trabalho imperava pelas demandas da nova geração de um trabalho não mecânico, de uma vida não mecânica e ao atender em partes estas demandas o capital readaptou não apenas as linhas de produções, direcionou demandas que até então não haviam sido postas como possibilidades de geradoras de lucro: as ideias; como as configurações do Toyotismo necessitavam de trabalhos em equipe. o capital então percebe que é possível reordenar as condições de pensamentos e desejos de seus trabalhadores através do controle da força de trabalho. De acordo com Ribeiro (2015)

A necessidade de pensar, agir e propor dos trabalhadores deve levar sempre em conta os objetos intrínsecos da empresa, que aparecem muitas vezes mascarados pela necessidade de atender ao mercado consumidor. Mas, sendo o consumo parte estruturante do sistema produtivo de capital, é evidente que defender o consumidor e sua satisfação é condição necessária para preservar a própria empresa. (Ribeiro, 2015. p.75. APUD: Antunes, 2002:39)

O mercado de consumo de bens é diferente do mercado da indústria de produção. Enquanto a indústria de produção produz em altas quantidades para gerar acúmulo, o mercado de bens depende dos desejos e necessidades dos clientes. Portanto, neste

mercado não há necessidade de acúmulo, pois também não há garantia que o produto x continuará a ser demanda no mercado; então a organização do trabalho no modelo toyotista que tem como controle a flexibilização passa a demandar um “sistema de organização e gestão de trabalho: just-in-time- produzir no tempo certo, na quantidade exata” (Ribeiro, 2015)

Tomamos noção dos possíveis impactos do modo de trabalho flexibilizado do Toyotismo quando nos questionamos: como produzir na quantidade exata sem saber até quando terá que ser produzido e sem mecanizar a produção? Se não há como saber com controle a demanda em cima de um produto e também não haverá uma mecanização da produção onde todos produziram uma quantidade x para alcançar o todo o que resta é a individualização. A empresa não dará condições para que a classe se organize, a empresa dará os meios e individualmente cada trabalhador e trabalhadora deve gerir sua expectativa dentro dessas condições, o que influencia diretamente no salário. Nas palavras de Ribeiro (2015) “Quanto ao salário, o que ocorre é uma desindexação e individualização dos salários, uma desregulamentação da política salarial e uma flexibilização do salário direto que muitas vezes extrapolam os limites mínimos do salário”.

O valor do trabalhador alterasse: não há demanda para quantificar o salário, não há carga horária estabelecida, não há vínculo social, não há nada que garanta que seu trabalho valha um valor específico. Colocado sobre estas condições “[...]pela expropriação do comum, pela privatização do comum, pela vampirização do comum empreendida pelas diversas empresas, máfias, estados, instituições, com finalidades que o capitalismo não pode dissimular[...]” (Pelbart, 2003. p.29), sendo a vida geradora de lucro também, não há mais a necessidade de que as empresas na perspectiva neoliberal invistam seus lucros em cima da classe trabalhadora para que a mesma se torne produtiva no sentido de trabalhar para o capital e “devolver o investimento” através de sua força de trabalho. Até mesmo para o capital, aqueles que não se enquadram dentro do capital produtivo mais tradicional podem ser fatores de conexões e projetos neoliberais; “Improdutivos, para Marx, são aqueles trabalhadores cujo trabalho é consumido como valor de uso e não como trabalho que cria valor de troca” (Antunes, 2013. p.195).

Os modos de produção e a escola:

O ensino brasileiro antes do NEM era composto no médio por 12 disciplinas sendo elas: Língua Portuguesa, Matemática, Sociologia, Filosofia, Educação Física, Física, Biologia, Química, História, Geografia, Inglês ou outra língua estrangeira. Este modelo claramente remetia ao processo de especialização e de setorização (encaixar as pessoas onde ela é mais eficiente). Na elaboração do novo ensino médio foi organizado de uma forma que houvesse uma reestruturação da organização de ensino ficando: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas e Ciências Naturais. Ao mesmo tempo, foi adicionado o Projeto de Vida a base comum curricular BNCC (Base que serve como estrutura primeira para toda a educação brasileira a partir da vigência do NEM); A BNCC possui critérios como: habilidades e expectativas, outra particularidade do NEM é a possibilidade do discente escolher a área de estudo na qual ele mais se identifica. De acordo com Amorim, Moda, Mevis (2021):

Entretanto, a partir da homologação do documento Base Nacional Comum Curricular para a etapa do Ensino Médio, em 14 de dezembro de 2018, no qual o empreendedorismo aparece como eixo temático dos itinerários formativos para esta etapa de ensino, sua inclusão na rede pública de ensino vem se dando de forma mais evidente e com abrangência nacional. Já no contexto do ensino superior, diversas universidades públicas e privadas aderiram ao discurso empreendedor, desenvolvendo projetos de incentivo ao empreendedorismo e à inovação (Amorim, Moda, Mevis. 2021. p.12)

Agora que temos as características do novo ensino médio, vamos tentar analisar como e se é possível relacionar com o modo vigente de produção capitalista no Brasil, o neoliberal. Primeiro, a intenção de dar ao discente o protagonismo de sua educação é uma forma de flexibilização do modelo educacional e de como ele é entendido pela sociedade, pelo/pela discente e pela própria Instituição escola; a segunda questão é o Projeto de Vida, um espaço onde o discente possui para ser o protagonista da sua escolha de onde trabalhar e com o que trabalhar, antes de sair da escola ele/ela teria a oportunidade de praticar as “diversas” possibilidades de vida que ele teria para então encontrar a melhor possível, ele está empreendendo sua vida dentro da escola para poder escolher da melhor forma, pelo menos está é a intencionalidade.

A atual versão do empreendedorismo parece indicar uma maior conquista de liberdade pelo indivíduo sobre sua ação, suas escolhas e seu futuro. O sucesso dessas escolhas estaria atrelado às características empreendedoras das quais o indivíduo é dotado, como a proatividade, a criatividade e a ousadia. Entretanto tais características devem, do nosso ponto de vista, ser contrapostas às condições sociais e de mercado desde as quais são possíveis suas efetivações. Trata-se, portanto, de confrontar as supostas qualidades empreendedoras ante as condições e relações sociais que se estruturam conjuntamente no modo

de produção capitalista, isto é, nas quais se processam e se materializam historicamente o empreendedorismo. (Amorim, Moda, Mevis. 2021. p.4)

O empreender a própria vida dentro da escola não é apenas uma prática, é a assimilação de uma possibilidade de modo de vida, uma demonstração de como seu protagonismo como discente pode abrir diversas possibilidades de emprego para você, basta que deixe suas ideias e desejos estruturados de uma forma que seja vantajoso e lucrativo. De acordo com Amorim, Moda e Mevis (2021):

Nesse sentido, o modo de vida abarca a ideologia, o conjunto de ideias existentes, porém vai além do plano discursivo e representativo, atuando como uma “técnica orgânica” de gestão da força de trabalho e de conformação da conduta social que estrutura a forma de viver dos trabalhadores nos seus mais variados aspectos, como algo que se verifica materialmente em práticas sociais dentro e fora dos ambientes de trabalho (. p.2)

O modelo educacional anterior reproduzia uma dinâmica de controle sobre os corpos e mentes, um aluno não poderia exercer ao lado do professor o “papel” de transmissor do conhecimento. Por isso, quando lhe é dada a possibilidade de ser o agente da sua vida, de antemão nos parece ser um ato que busque a melhoria dos processos educacionais, mas como foi retratado neste trabalho anteriormente o Movimento de Secundaristas franceses em Maio de 68 quando o modelo taylorista-fordista estava acabado e percebem que a escola reproduzia esse modelo, ocorreram manifestações pedindo mudanças, estas num âmbito de protagonismo da sua vida, mais autonomia e como tratamos anteriormente essas manifestações foram absorvidas pelo capitalismo neoliberal, atualmente no Brasil acontece manifestações de que a escola não está adaptada para as novas configurações de trabalho e que estaríamos ficando para trás porque permanecemos numa educação que reproduz o modelo de produção anterior.

À guisa de uma conclusão:

O que este artigo à guisa de uma conclusão percebeu é que o Brasil vive um momento em que há um nítido avanço das ideias neoliberais sobre as instituições, que a escola neste momento se torna um espaço sem igual para podermos analisarmos qual discurso de vida irá prevalecer em nossa sociedade.

O processo histórico dos modos de trabalho demonstram para nós que sempre se buscou controlar as vidas seja de uma forma rígida, seja de uma forma com um discurso

flexível. E no momento atual passamos por uma fase que tudo se tornou perspectiva para resultados de retorno financeiro.

Referencial Bibliográfica:

ANTUNES, Ricardo. **OS SENTIDOS DO TRABALHO: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**, 2ª reimpressão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013

AMORIM, Henrique; MODA, Felipe; MEVIS, Camila. EMPREENDEDORISMO: uma forma de americanismo contemporâneo?. Caderno C R H, Salvador, v. 34, p. 1-16, e021018, 2021

MARIUTTI, Barros Eduardo. O Colóquio Walter Lippmann e a gênese do neoliberalismo: apontamentos. Texto para Discussão. Unicamp. IE, Campinas, n. 415, ago. 2021.

PELBART PÁL, Peter. **VIDA CAPITAL: Ensaio de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RIBEIRO, Freitas de Andressa. Taylorismo, fordismo e toyotismo. Lutas Sociais, São Paulo, vol.19 n.35, p.65-79, jul./dez. 2015.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Silva da Nelson; DUNKER, Christian. **NEOLIBERALISMO: como gestão do sofrimento psíquico**, 1.ed;4ª reimpressão. São Paulo: autêntica, 2023